

ARTICULAÇÕES DO CORPO E DO VESTIR

Prof. Dra. Agda Carvalho¹

RESUMO

O texto observa as articulações que o vestir alcança com a condição híbrida elaborada pelas transformações culturais, sociais que alteram o significado do corpo nos diferentes contextos e territórios de atuação. Para esta discussão selecionamos o trabalho dos artistas brasileiros Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica e da artista alemã Rebecca Horn, que potencializam o sentido do corpo com o vestir na diluição de fronteiras entre a arte e o design de moda.

Palavras-chave: Vestir. Corpo. Articulações.

ABSTRACT

The text notes that the joints wear catches up with the hybrid condition produced by cultural changes, social changes the meaning of the body in different contexts and areas of expertise. For this discussion we selected the work of artists Flavio de Carvalho, Hélio Oiticica and the German artist Rebecca Horn, who lead the direction of the body to wear the blurring of boundaries between art and fashion design.

Keywords: Dress. Body. Joints.

Apresentação

As modificações sociais, culturais e tecnológicas durante o século XX, incitam a proliferação de experimentos e um alargamento das possibilidades estéticas e tecnológicas. Esta situação redefine o comportamento e o significado das atividades culturais e um vestir articulado com elementos do design da moda e da arte.

A moda, a arte e o design como fenômenos da cultura, materializam respostas que estão conectadas com as inovações técnicas e com as inquietações locais, mas respondem

¹ Agda Carvalho Artista plástica. Pesquisadora das conexões de arte, moda e design. Doutora em Comunicação pela ECA-USP. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Docente do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, do Instituto Mauá de Tecnologia e da Faculdade Impacta Tecnologia - FIT. Membro da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Arte e da ANPAP- Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas.

as aspirações de um tempo e espaço. Os anseios individuais e coletivos geram esforços para a produção e uma seqüência de operações e ações no ambiente. Fato que impulsiona as experimentações e a vontade de atualizações constantes. Esta situação causa uma transformação nos aspectos sociais e na condição individual, pois redesenha outra atitude dos produtores culturais que invadem outras fronteiras de atuação.

As roupas, de uma maneira geral, parecem conseqüentemente preencher um certo número de funções sociais, estéticas e psicológicas; elas juntam-nas e expressam-nas todas simultaneamente. Isto verifica-se tanto no que diz respeito ao vestuário antigo como ao moderno. (WILSON, 1986, p.14)

Os diferentes contextos detém uma especificidade em relação às questões do corpo, da cultura material e do comportamento. O vestir está intimamente relacionado com a tradição, com o desenvolvimento dos processos técnicos e com a história local, mas também, está comprometido com as novidades técnicas e com as buscas conceituais.

Todas as questões colocadas pela globalização dos mercados da cultura se inscrevem no espaço aberto entre as culturas e a indústria, entre o local e o global, entre a relação com o passado e a inovação industrial. (WARMIER, 2003, p31.)

A abordagem das articulações do corpo e do vestir observa a diluição de fronteiras como um sintoma, que manifesta nas produções culturais o potencial híbrido. Nesta leitura observamos as propostas dos artistas brasileiros Flávio de Carvalho (1899 – 1973) e Hélio Oiticica (1937 – 1980), cuja produção antecipou questões referentes ao corpo e ao vestir no contexto brasileiro e ainda fundamentam conceitualmente produções atuais. E da artista alemã Rebecca Horn (1944), que na década de 60 e 70, vislumbra estruturas articuladas com o corpo para a interação espacial. Estas produções são referências do corpo e do vestir e ainda reverberam subjetividades contemporaneamente.

O Corpo e o Vestir sem Fronteiras

Os elementos e significados que estão conectados originalmente com a moda, com a arte e com o design transitam nas diferentes áreas e apresentam uma mistura conceitual e

formal na mescla cultural e social.

Os produtos culturais materializam o quase desaparecimento de fronteiras em diversas áreas de atuação. “As articulações comunitárias culturais são múltiplas e não devem se reduzir à xenofobia da exclusão do outro que não possua a mesma identidade.” (JUNIOR, 2004, p.12) Os resultados intensificam esta discussão e adquire outro sentido com as conquistas tecnológicas. As possibilidades técnicas e matéricas estimulam caminhos de criação e experimentação dos artistas, designers e estilistas, que oferecem simultaneamente outros valores estéticos e articulações.

Estas variações estéticas e perceptivas oriundas das diferentes abordagens do vestir são detectadas em vários territórios e expõe uma característica híbrida. A presença e a postura relacionada com os elementos da moda e da arte estão em articulação com o entorno, o que causa uma transformação no comportamento individual e nas questões coletivas.

Observamos na atitude de Flávio de Carvalho, em 1957, com a experiência número 3, um projeto de um vestir que é efetivado quando está na vivência social. Adianta com esta performance o interesse e os direcionamentos dos trabalhos que tratam do corpo e do vestir posteriormente. O artista projeta uma invasão do espaço do centro da cidade de São Paulo, com um desfile que incorpora um conceito, uma proposta que idealiza um traje tropical, também denominado Look Tropical. Uma invasão dos domínios da moda masculina, apontada pelo artista como inadequada para um clima quente. O artista veste uma saia e uma blusa transparente, leve, um vestir que traz um conforto e agrega liberdade na expressão.

As experiências de Flávio de Carvalho estão conectadas com o entorno criativo que procura outras articulações poéticas. Na experiência número 3, o design do vestir propõe uma situação adequada e concebida para o clima tropical. Este corpo vestido executa um percurso que aglutina pessoas e legitima a performance. Uma presença perambulando na cidade e seguido por pessoas que destoam da aparência daquele vestir que confronta o cotidiano paulista. Rompe no espaço uma seqüência de reações e controvérsias pelo desconforto estético que invade o espaço.

O vestir articula infinitos desdobramentos com a proposta do Parangolé do artista

Hélio Oiticica, que teve início em 1964. Um conceito que concebe um estado de consciência ao envolver o corpo e manipular a matéria. Um invólucro de onde emerge o ser que invade e/ou ocupa lugares e ambientes diversos e constrói “a superfície de organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição” (DELEUZE, 1996, p. 22)

O corpo vestido alinha a ação e amplia o diálogo com os diferentes tecidos e texturas que estão em contato com a pele. O corpo nesta condição é fecundo em movimentos que denunciam as particularidades individuais e as interações com o espaço. Os sentidos submersos no corpo com o vestir arrancam na exploração espacial, vários questionamentos que determinam o abrigo de uma consciência. Os diferentes espaços recebem este vestir como um evento de ocupação de território, uma passagem que conjuga significados.

“(...) CAPA condição extensão concreta
do vestir-incorporar

FEITAS PRO VESTIR

(não mais como procura de não condicionamentos sensoriais
erigindo experimentalidade nova)

CAPAS FEITAS NO CORPO eram/pertenciam como
estado (...)“

(OITICICA, 1992, p.165)

O parangolé concretiza o seu engajamento com o entorno, a sua aproximação com a realidade do morro da mangueira, o impulso criador para a realização desta experiência estética que permite a participação individual e coletiva. Em cada experiência com o parangolé, surge uma estrutura com tecidos de texturas e cores variadas que envolvem o corpo com a condição do design do vestir. As experiências proporcionadas pelos movimentos corporais do usuário do parangolé estão impregnadas do sentido ancestral do corpo, uma vontade ritualística.

O vestir articula com a espacialidade e expande revelações individuais para o coletivo. O espaço digere a presença visual revelada com o vestir. As circunstâncias apontam uma abertura de sentidos com a qualidade de abrigar está posta com o vestir.

“(…) extremo às primeiras premissas de experimentalidade
do não condicionado sensorial:
o corpo movimentando sobre si mesmo:
construir-incorporar
casulo vazio extensão solta q se reincorpora
a cada vestir (...)

(OITICICA,1992, p. 165)

A revelação deste vestir/parangolé articula com o espaço cotidiano e extrai na vivência performática subjetividades do universo individual. A particularidade da ação é transformada com o corpo que veste a capa/fantasia que resulta em movimentos. Os sentimentos são energizados com a exposição do aspecto do corpo e da ação que está conjugada com o vestir.

O objeto foi uma passagem para experiências cada vez mais comprometidas com o comportamento individual de cada participante. (.) A derrubada de todo condicionamento para a procura da liberdade individual, através de proposições cada vez mais abertas, visando fazer com que cada um encontre em si mesmo, pela disponibilidade, pelo improviso, sua liberdade interior, a pista para o estado criador. (OITICICA, 1992, p.127).

Surge com o vestir um ritual criador que desperta percepções e uma postura na interação com os materiais que estão no corpo. O parangolé adquire a forma do corpo que o veste. Os ambientes recebem e de certa maneira, designam atitudes variadas com o corpo vestido.

A artista Rebecca Horn vasculha os desígnios do corpo com as infindáveis conexões nos seus experimentos. Assume a violação do corpo e do vestir no espaço de 1968 a 1974. Com objetos que buscam a interação com o corpo e com o espaço e são potencializados com o vestir. “(...) o sentido é o exprimível ou o expresso da proposição e o atributo do estado de coisas.” (DELEUZE, 2003, p.23)

No trabalho *Máscara de Grafite* de 1972, observamos que o corpo veste uma espécie de adereço de cabeça, que interfere nos sentidos e solicita uma ação do usuário. Uma proposta que aparenta uma espécie de aparelho que utiliza elementos do vestir e conecta o corpo com os espaços. Os lápis que estão fixados no cruzamento das seis tiras horizontais

com as três faixas verticais transformam a máscara em um mecanismo para desenhar. Esta ação pede a movimentação do corpo e o enfiamento com o suporte para a realização da ação de desenhar.

A máscara aparenta um aparelho que imobiliza a cabeça e ao mesmo tempo protege em decorrência das pontas dos lápis que estão em uma posição de ameaça. Este aspecto é evidenciado com a movimentação do corpo. É uma máscara que repele, pois os lápis estarem colocados como pontas na frente e na lateral da máscara, ameaçando o observador e o suporte que recebe o desenho.

A experiência apresenta uma estrutura que está conectada com o meio circundante e evidencia a condição do corpo vestido nos confrontos ocasionados pela ocupação espacial, neste caso, como adereço que transforma o corpo no instrumento de desenhar. O vestir desencadeia contínuas proposições estéticas e conceituais no seu desenvolvimento que é construído pelo entrelaçamento das situações vivenciadas e pela articulação dos sentidos do corpo no espaço.

O corpo está em uma condição única pela situação construída, está na ação que elabora uma qualidade estética performática com o vestir. O corpo vestido solicita uma atitude, um experimentar e confrontar a vida com a percepção dos espaços.

O corpo determina movimentos no espaço e desperta sentidos que são potencializados pelo design do vestir. O corpo enfrenta uma imersão com as experiências sensoriais e matéricas que são oferecidas pelo vestir e apresenta uma aparência que interfere no espaço.

O corpo interage com o vestir e desafia sentidos variados com as experimentações. As criações estão conectadas ao corpo e concebe na articulação a elaboração da estrutura roupa, um sentido específico com o vestir. O corpo encontra um estado de imersão com o vestir. Temos um corpo que perambula no espaço com um vestir que acumula subjetividades nas fronteiras perceptivas.

Considerações Finais

Os comportamentos refletem as alterações radicais e potenciais que estão relacionadas com um tempo e lugar. Observando pelo viés da moda e da arte é possível

identificar que as mudanças tecnológicas, perceptivas e cognitivas estão conectadas com os meios de comunicação, o estatuto do corpo e a inovação do design. O significado do vestir é ampliado com a articulação do corpo e o espaço de atuação. Em Flávio de Carvalho a experiência número 3 propõe um vestir que discute a moda e intencionalmente lança uma ruptura com a imagem do traje masculino cotidiano no ambiente paulista. Articula com a multidão cotidiana uma performance, e assim, expande o conceito e a atitude no contexto. Transita pela moda e pela arte insistentemente com este vestir que invade o cotidiano. Hélio Oiticica elabora o parangolé a partir da experiência no morro da mangueira e apresenta uma abertura estética e uma conexão com a vida com este vestir. Rebecca elabora objetos que são acoplados ao corpo e interagem com o cotidiano. Estas estruturas estão impregnadas das ansiedades do período em relação ao corpo e a invasão espacial. Com estes objetos temos a imersão do corpo e um vestir/condição que expande significados com as ações despertadas com o vestir.

O corpo pela imposição deste vestir proporciona um confronto e uma exploração do espaço, desperta o incorporar e o reconhecer das sensações originadas pelo ser/obra. A indeterminação do design do vestir habita o espaço, acolhe e repele na totalidade da qualidade do ser e do espaço. Os valores e desejos individuais e sociais revelam a instauração do design do vestir como ampliação da pluralidade de significados do espaço na contemporaneidade. Os significados oriundos da condição do design do vestir estabelecem conexões com o espaço. O vestir proporciona a imersão do corpo e a articulação com a diluição de fronteiras poéticas.

REFERÊNCIAS

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas**. São Paulo Senac: 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 3, 1996. v.3

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FAVARETO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo: Edusp, 1992.

JUNIOR, Benjamin Abdala.(org.) **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo &**

outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Império do efêmero,O:** A Moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SALOMÃO, Waly. Hélio Oiticica: **Qual é o parangolé.** Rio de Janeiro: Reume – Dumará, 1996.

WARMIER, Jean –Pierre. **Mundialização da cultura, A.** São Paulo: EDUSC, 2003.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos.** Lisboa: Edições 70. 1985.

http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/artigosflavio.html. Acesso em 11/09/2010